







## **EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE ALMEIDA GARRETT**

### **POESIA**

*O Retrato de Vénus — Ensaio sobre a História da Pintura* (e textos da polémica)  
*Camões*  
*D. Branca*  
*Lírica de João Mínimo* (e outros poemas da juventude)  
*Flores sem Fruto*  
*Folhas Caídas*  
Produção poética deixada inédita

### **TEATRO**

*Catão*  
*Méropes*  
*Um Auto de Gil Vicente*  
*O Alfageme de Santarém*  
*Frei Luís de Sousa*  
*Filipa de Vilhena*  
*A Sobrinha do Marquês*  
*Tio Simplício*  
*Falar Verdade a Mentir*  
Produção dramática deixada inédita — *Fragmentos Romanescos*\*

### **FICÇÃO NARRATIVA**

*O Arco de Sant'Ana*\*  
*Viagens na Minha Terra*\*  
Produção narrativa deixada inédita

### **ROMANCEIRO**

### **ENSAIO**

*Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*  
*Da Educação*\*  
*Portugal na Balança da Europa*  
*Dispersos*  
Produção ensaística deixada inédita

### **DISCURSOS POLÍTICOS**

### **PÁGINAS DE JORNALISMO**

### **CORRESPONDÊNCIA**

*Correspondência Familiar*\*

### **VARIA**

\* Volumes publicados.



**Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/INCM.Livros](https://www.facebook.com/INCM.Livros)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Almeida Garrett  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Título:* Fragmentos Romanescos  
*Autor:* Almeida Garrett  
*Conceção gráfica:* UED — Unidade Editorial  
*Capa e fotografia:* João Tiago Marques  
*Revisão do texto:* Odete Domingas  
*Tiragem:* 1000 exemplares  
*1.ª edição:* março de 2015  
*ISBN:* 978-972-27-2336-7  
*Depósito legal:* 379 760/14  
*Edição n.º* 1020288





*A EDIÇÃO CRÍTICA  
DA OBRA COMPLETA DE ALMEIDA GARRETT*

*Destina-se este preâmbulo a esclarecer de forma sintética que objetivos e critérios fundamentais presidem ao trabalho da equipa de investigadores empenhados na tarefa urgente, complexa e morosa da edição crítica da obra integral de Garrett.*

*Serão dados a lume não só os textos publicados em vida do autor — poesia, teatro, ficção narrativa, romanceiro, ensaio, produção jornalística, intervenção oratória —, mas também os que tiveram divulgação editorial póstuma e os que permaneceram (na sua maior parte inacabados) em versão manuscrita; e proceder-se-á a uma fixação textual acompanhada por um aparato crítico-genético, com base nos seguintes princípios:*

- *Estabelecimento, para cada obra, de um texto-base que representa a última forma conhecida da responsabilidade do autor.*
- *Aparato, colocado em rodapé, que regista, por ordem de sucessão cronológica, as variantes, testemunhadas por manuscritos ou edições, que representam, em relação ao texto-base, estádios da maturação (lingüística, estética, semântica) que o antecedeu.*
- *Prática da modernização ortográfica do texto garrettiano sempre que não apague formas que assinalam, num momento em que a grafia não estava submetida ainda a uma sistematização normativa, realizações fónicas distintas das atuais ou devidas a razões estilísticas de diversa índole.*
- *Manutenção da subtil pontuação garrettiana, a não ser em casos de necessidade evidente de correção ou de aconselhável esclarecimento da sintaxe dos textos.*

*Os critérios gerais enunciados — a especificar em cada um dos volumes que integram a edição crítica, dada a natureza peculiar dos problemas que as obras podem eventualmente oferecer — indicam o caráter moderadamente «conservador» da transcrição textual: desejamos oferecer um texto-base de leitura facilitada pela eliminação de marcas ortográficas oitocentistas irrelevantes (por exemplo, as consoantes duplas), mas queremos que ele mantenha a «cor histórica» representativa de um certo momento da evolução da língua ou de uma preferência de Garrett, possuidor de um apuradíssimo sentido da eufonia, dos valores semântico-estilísticos das palavras, da variedade idioletal do português do seu tempo.*

*Assim, o desejo máximo da edição crítica, destinada naturalmente a leitores exigentes, é que, oferecendo-lhes um texto estabelecido com a preocupação do rigor ecdótico e da oferta da máxima informação conseguida sobre a maturação por que passou nas mãos do autor, ela se torne, para os estudiosos da literatura e da língua, um instrumento de trabalho seguro e enriquecedor, digno do lugar axial que Garrett ocupa no património das nossas Letras e da nossa Cultura.*

*Foram determinantes para o lançamento da edição crítica o apoio recebido da Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia, a aceitação, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, da pesada tarefa editorial, a boa vontade da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde se encontra o grande espólio de Garrett, e da Faculdade de Letras, à qual pertence a Sala Ferreira Lima, também muito rica em textos garrettianos e do século XIX português: a todas estas instituições dirigimos um vivo agradecimento.*

*Muito deve ainda a edição ao seu enquadramento nas atividades científicas do Centro de Literatura Portuguesa (CLP), unidade de I&D financiada pela FCT e sediada na Faculdade de Letras de Coimbra. Sem*

*o seu suporte institucional e sem o empenho dos nossos colaboradores (que a ela se encontram vinculados), seria difícil levar avante este projeto ambicioso.*

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO



*No início deste volume, consagrado aos Fragmentos Narrativos de Garrett, queremos exprimir à Doutora Margarida Cardoso o nosso vivo agradecimento pela prestatimosa colaboração que generosamente deu à leitura de alguns passos manuscritos de dificultosa decifração.*



# INTRODUÇÃO



Reúne este volume os textos românicos que Garrett deixou manuscritos e incompletos no seu espólio literário (vários inéditos até hoje), conservados atualmente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Em número de nove<sup>1</sup>, eles acompanham a sua vida de escritor desde o exílio em Inglaterra e França, iniciado em 1823, até à vizinhança da morte, ocorrida em 1854. Dois atingem uma considerável extensão — *Memórias de João Coradinho*, de 1825, e sobretudo *Helena*, que Garrett tinha em curso no penúltimo ano de vida; os restantes são mais curtos, limitando-se alguns a escassos fólios.

Despicienda esta produção, abandonada em fase ora mais ora menos liminar, de decifração frequentemente difícil, redação descuidada e pontuação quase inexistente? Não o cremos: esses fragmentos são por vezes dotados de notável interesse literário e oferecem dados relevantes para o conhecimento do devir de Garrett como homem e autor — razões bastantes, a nosso ver, para merecerem a atenção que lhes consagramos.

## 1. Experimentações narrativas

É escassa a produção romântica que Garrett ultimou e publicou, sempre na maturidade: um romance pretensamente «histórico»

---

<sup>1</sup> V., adiante («Fontes textuais»), o registo bibliográfico destes autógrafos. No *Inventário do Espólio Literário de Garrett*, organizado por Henrique de Campos Ferreira Lima (Coimbra, Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, 1948), encontram-se elencados esses nove textos no item «Trabalhos Incompletos» da secção v — «Romances em prosa, contos» (pp. 18-19).

— *O Arco de Sant'Ana* —, cuja edição original comportou dois volumes, saídos respetivamente em 1845 e 1851, e uma novela de atualidade — a que narra a inviabilidade do amor entre os primos Carlos e Joaninha no tempo das lutas civis —, inserida em 1845-1846 nas *Viagens na Minha Terra* como «episódio» que visa prender o leitor a um livro «inclassificável» no seu divagar constante.

O género romanesco não era, com efeito, o que melhor se adequava à imaginação criadora de Garrett, muito solicitada, ao invés, pelo teatro, onde a sua produção foi abundante desde a juventude. Na «Prefação» (datada de 1820) que apôs ao fragmento dramático *Átala* — adaptação em verso de um episódio da célebre novela de Chateaubriand —, escrevia ele sintomaticamente, ainda estudante:

Todos nós temos os nossos preconceitos, as nossas manias, e em consequência vemos todas as cousas por elas, e as olhamos e estimamos pelo lado por que as lisonjeiam mais. Tudo referimos a um ponto, tudo quiséramos que viesse a ele, que é o foco, o centro da nossa paixão dominante. O meu foi sempre o do teatro: qualquer ação por pouco trágica, qualquer facto, por pouco ridículo que fosse, me suscitaram sempre a ideia duma tragédia, ou duma comédia.<sup>2</sup>

E o facto é que até as narrativas ficcionais que publicou apresentam uma global configuração dramática, desenrolando uma ação fortemente emotiva num tempo curto, em cenas muito preenchidas por diálogos: a demora do romance na construção de espaço e tempo, na evocação do aspetto físico e da vida interior das personagens, ou no levantamento das motivações e do desenrolar dos conflitos, coadunava-se pouco com o seu pendor estético para a intensidade na brevidade (a «concentração» diegética e emocional que o teatro pede). Torna-se relevante, por exemplo, que, nos fragmentos romanescos, surjam «listas» com os nomes das personagens e respetivas relações ficcionais, ou ainda pequenas didascálias antes do início do texto propriamente dito.

---

<sup>2</sup> O fragmento dramático *Átala*, em verso decassílabo, foi publicado por Teófilo Braga no vol. I dos dois em que reuniu as *Obras Póstumas* de Garrett (Lisboa, Livraria Moderna Editora, 1914). No texto citado (p. 75 da edição referida), atualizámos a ortografia e a pontuação. O manuscrito original, autógrafo, encontra-se na Biblioteca Nacional.

A formação de Garrett num neoclassicismo epigonal aberto às vibrações do sentimento, bem documentada pela obra da mocidade, prolífica no campo da poesia e do teatro, não era também de molde, pela estilizada «caligrafia» que solicitava, a incentivá-lo, quando jovem, a tentar a escrita romanesca, de caráter mais «vulgar» (apesar de sabermos o entusiasmo que *La Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, ou *Atala*, de Chateaubriand, lhe despertaram<sup>3</sup>). Data dos seus anos de exílio — exílio causado, mal ocorreram em Portugal os primeiros triunfos da reação absolutista (1823), pela adesão calorosa que dera às ideias liberais, vitoriosas em 1820 —, o interesse que passou a manifestar pela narrativa ficcional, cultivada por autores que só então descobriu, como Walter Scott ou Victor Hugo. Quando a outorga da Carta Constitucional por D. Pedro em 1826, após o falecimento de D. João VI, lhe permitiu regressar ao Reino (que logo voltou a deixar em 1828), explicava Garrett n'*O Cronista*<sup>4</sup> serem o romance e o drama «verdadeiras criações da literatura moderna» pelo modo diferente como praticavam a imitação do real — «d'après nature» — a fim de agarrarem a sua cor e os seus contornos sinuosos; os novos géneros, dizia, ocupavam por isso, respetivamente, os velhos lugares canónicos da epopeia e da tragédia:

Os costumes [d]os povos, os sucessos da vida, tais quais sucedem ou podem suceder, são o objeto dos seus

<sup>3</sup> Lê-se na «Prefação» ao texto referido na nota anterior (I, p. 75): «Eu tinha dezassete anos quando pela primeira vez li a *Átala* de Mr. de Chateaubriand. A impressão que me fez foi a que produzem sempre todas as leituras deste género em um coração novo, sensível, e ainda pouco embotado pelo uso do mundo. Enterneceu-me, comoveu-me fortemente, e (não me envergonho de o confessar) excitou-me algumas lágrimas. Passados os primeiros impulsos da natureza, veio o entusiasmo; e tal foi este que muito tempo duvidei que houvesse alguma coisa melhor daquela espécie. A mesma *Nova Héloísa*, cuja superioridade não carece dos meus abonos, me parecia então muito inferior.»

<sup>4</sup> Trata-se do semanário que Garrett lançou em 1827 e quase exclusivamente redigiu. Sobre este periódico, v., de Ofélia Paiva Monteiro, «O projecto educador de Garrett no semanário *O Cronista* (1827)», in *The Other Nineteenth Century, Portuguese Literary & Cultural Studies* 12, Spring 2004, Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, pp. 29-50.

quadros. Pode o escritor exagerar-se num caráter ou noutro, afastar-se da real natureza aqui ou ali, mas nunca, nunca entrar nas regiões da fantástica e ideial natureza. Apenas o faça mudará a índole do seu escrito.<sup>5</sup>

Um dos autores que escolhe para exemplificar os seus pontos de vista é Walter Scott, no romance histórico, sobre quem tece perspicazes e esclarecedoras considerações:

O talento de W. Scott consiste em pintar admiravelmente nos seus romances as paixões políticas dando também seu papel ao mesmo povo, fazendo reviver com singular fidelidade de linguagem e trajes algumas figuras históricas, associando enfim os interesses privados de seus heróis d'invenção aos resultados de alguma revolução importante. Por este meio tem ele ocasião de despertar todas as lembranças de uma época, personaliza as opiniões, as crenças de cada classe da sociedade ou dos diversos partidos em luta. Em geral evita cuidadosamente de demorar sem personagens históricas na primeira luz dos quadros que tão belamente desenha: parece que o puro acaso lhos faz encontrar no caminho; mas ingenhosamente reproduz os hábitos de todos os que os rodeiam; e esses são os incumbidos de nos fazer penetrar na intimidade mais recôndita de seus amos.

Já o leitor conhece Isabel (d'Inglaterra) e os Stuarts pelo modo de pensar das suas cortes, antes de eles aparecerem na cena; e então a breve audiência que nos dão basta de alguma sorte para completar a revelação de sua vida interior, ou de sua política oficial. Há em tudo isto uma preparação hábil, uma espécie de artifício engenhoso, mas que pertence mais ao autor dramático do que ao historiador. Assim aquele como o romanceiro atende tanto à verdade quanto ao efeito que deseja produzir: para ambos de doux existe uma espécie de *verdade relativa*. O historiador procura a *verdade absoluta*, o romancista e o dramático podem escolher na história o que lhes convém

---

<sup>5</sup> *O Cronista*, n.º 2, vol. I, 1827, p. 29.

e desprezar o que lhes fora importuno em suas composições: daí têm eles a vantagem de um interesse mais vivo e sustentado.<sup>6</sup>

Também n'*O Cronista* tece pequenos comentários afins sobre a escrita ficcional a propósito de romancistas menores, mas então muito lidos, como o alemão Augusto Lafontaine<sup>7</sup> ou o francês Pigault-Lebrun<sup>8</sup>, que brevemente compara entre si<sup>9</sup>. Lembre-se ainda o entusiasmo que o aparecimento de *Notre-Dame de Paris* (1831), de Victor Hugo, lhe suscitou, testemunhado pelo conhecido passo da carta que escreveu de Paris, em junho de 1833, ao amigo José Gomes Monteiro, anunciando-lhe ter iniciado durante o cerco do Porto um romance a que dera o título de *Arco de Sant'Ana*: «Se leu *Notre Dame de Paris*, de Vítor Hugo, é um tanto nesse género o meu romance; se o não leu recomendo-lhe que o faça»<sup>10</sup>.

A índole do novo género, tal como a do drama, continuou Garrett a encontrá-la no interesse moderno pelo «estudo do homem» e na representação do real acessível à «multidão». Dizem palavras célebres de 1843, na «Memória ao Conservatório Real» sobre *Frei Luís de Sousa*:

O estudo do homem é o estudo deste século, a sua anatomia e fisiologia moral as ciências mais buscadas

<sup>6</sup> *O Cronista*, n.º 17, vol. II, 1827, pp. 88-89.

<sup>7</sup> A. Lafontaine (1758-1831) escreveu numerosos romances sentimentais e moralizantes, alguns de natureza epistolar.

<sup>8</sup> O dramaturgo e romancista Charles Pigault-Lebrun (1753-1835) cultivou temas ligeiros, desenvolvidos com uma «verve» maliciosa que obteve grande êxito.

<sup>9</sup> V. o n.º 2 do jornal (vol. I, 1827, pp. 30-32). Sobre o pendor de A. Lafontaine para pintar «as delícias da vida retirada» e as virtudes dos «homens simples», observa: «A casa de um lavrador, o passal de um pároco de aldeia, e escritório de um negociante são os lugares onde folga de representar com seus atores. Raras vezes pinta o crime, poucas desenha o vício; mas a virtude é tão bela em seus pincéis! A natureza tão ingénua, o coração do homem tão aberto a suas indagações! O mais oculto escaninho, a dobra mais secreta e escondida — lá vai dar com ela, e trazer para seus vivos quadros um pensamento que lhe queria fugir.»

<sup>10</sup> Almeida Garrett, *Obras Completas, Grande Edição Popular, Ilustrada*, prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Teófilo Braga, Lisboa, Empresa de História de Portugal, vol. II, 1904, p. 790 (passaremos a designar esta edição, que utilizamos como referência, pela sigla OC).

pelas nossas necessidades atuais. Coligir os factos do homem, emprego para o sábio; compará-las, achar a lei de suas séries, ocupação para o filósofo, o político; revesti-los das formas mais populares e derramar assim pelas nações um ensino fácil, uma instrução intelectual e moral que, sem aparato de sermão ou preleção, surpreenda os ânimos e os corações da multidão, no meio de seus próprios passatempos — a missão do literato, do poeta. Eis aqui porque esta época literária é a época do drama e do romance, porque o romance e o drama são, ou devem ser, isto.

Reconhecendo, pois, nos novos géneros, a missão de transmitirem um «ensino fácil», reclamava que eles oferecessem «verdade» e simplicidade, quer na construção ficcional, quer na linguagem. «Este é um século democrático; tudo o que se fizer há de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz» — lê-se na mesma «Memória», onde Garrett acentua ainda:

Dai-lhe [ao povo] a verdade do passado no romance e no drama histórico, — no drama e na novela da atualidade oferece-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nível — e o povo há de aplaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.

A condenação da inverosimilhança e do exagero, criados por destemperado melodramatismo no desenho de conflitos e personagens ou por enovelamento excessivo na tessitura das intrigas, vem na sequência destes critérios. O narrador das *Viagens* troça de muita da produção ficcional do seu tempo — romance ou drama — por furtar-se a «desenhar carateres e situações do *vivo* da natureza» (cap. v), preferindo entregar-se à cópia de modelos, sem preocupações de verdade ou congruência; mas bem antes, já Garrett dizia sorrindo, através do narrador de *Komurahy* — um dos seus fragmentos romanescos dos anos do exílio —, que a história que iria contar desagradaria, por ser simples, aos muitos leitores «trilhados no labirinto romanesco das novelas».

Como já dissemos, os fragmentos romanescos do espólio testemunham que Garrett tentou a narrativa ficcional desde o

primeiro exílio, revelando-nos que a experimentou em modalidades — desde o romance picaresco à ficção de matéria contemporânea, passando pela narrativa de temática indianista e pela de natureza histórica — que se tinham divulgado entre o alargado público oitocentista. Optámos por ordená-los combinando os critérios cronológico e genológico-temático, por forma a realçar as linhas de confluência entre eles e a maturação da narrativa garrettiana.

## 2. Os textos

### 2.1. *Memórias de João Coradinho*

A composição deste fragmento — autógrafo incompleto (ms. 75) dado parcialmente a conhecer por Gomes de Amorim, em 1888, nas *Memórias Biográficas* de Garrett<sup>11</sup> — deve situar-se em redor de 1825, pois figura no primeiro fólio do manuscrito a data de 13 de agosto desse ano. O texto, que se limita a seis capítulos, documenta a inspiração buscada num molde da tradição espanhola largamente difundido na Europa, o romance picaresco, cuja índole satírica se ajustava à expressão do olhar reprovador de Garrett sobre a realidade portuguesa que deixara: a quem saíra cruentamente dos sonhos de justiça e ventura efemeramente alimentados em 1820 pela vitória da Liberdade sobre os «grilhões» da tirania e do obscurantismo, logo triunfantes na reação de 1823, «falariam» comprehensivelmente o pessimismo moral e o mordaz caráter anti-heroico desse tipo de romance; nele, protagonista e narrador aparecem fundidos na personagem de um jovem de extração humilde, lúcido e desenganado, mas animoso, que relata como fora sobrevivendo, com desenvoltura e pouco escrúpulo, numa sociedade mal constituída, cujas misérias físicas e morais desnuda em cenas de vivaz traço «realista», semeadas de juízos

---

<sup>11</sup> Os passos publicados por Amorim (vol. I, pp. 453-468) foram reproduzidos por Teófilo Braga na edição de 1904 (OC, II, pp. 497-502) e retomados, a partir dela, pela edição Lello da *Obra Completa* de Garrett. O autógrafo traz o n.º 75 no *Inventário do Espólio Literário de Garrett*. Embora o título *Memórias de João Coradinho* se encontre rasurado, Garrett não o substituiu, pelo que entendemos dever conservá-lo.

## [MEMÓRIAS DE JOÃO CORADINHO<sup>1</sup>]

### CAPÍTULO I

Manias há em todos os tempos que são como<sup>2</sup> andaços de maligna<sup>3</sup> pegadiços e † e a que não resistem nem os mais superiores espíritos da idade. E assim tenho eu que é este furor de escrever e escrevinhar que tanto lavra hoje em dia e por todos se derrama a ponto que letrados e ignorantes, avisados e néscios, a toda a casta de escritura se dão. De mim digo que não sei como nem porque me entrou no bestunto esta mania; mas força é que lhe dê desaguadouro, já que tão deveras me tomou que em mim não posso conter a torrente escrevinhadora de que me sinto empachado. E assim não me aventando a \*assunto que de mais valia e preço julgue neste correr de tempo em que vamos, me lembrou como seria proveitoso escrever em minha vida<sup>4</sup> destes meus dias o que vi, e fui testimunha para que não perca a história o que facilmente escapa à memória dos homens quando não consignado pela escritura.

E nem me admirara eu, e os que virem<sup>5</sup> o meu nome na fachada deste livro mofarem da presunção com que assim me deitei a ser autor; pois até'qui não conhece o \*mundo de minhas partes senão o exterior grotesco<sup>6</sup> de que me ajudou natureza para disfarçar<sup>7</sup> com pouca arte as qualidades de que liberalmente me

---

<sup>1</sup> [O título: Memórias de João Coradinho encontra-se riscado no manuscrito; no canto superior direito do fólio aparece a data Agosto 13, 1825]

<sup>2</sup> são como] são †como†

<sup>3</sup> de maligna] de <moda> maligna

<sup>4</sup> escrever em minha vida] escrever †em minha vida†

<sup>5</sup> admirara eu, e os que virem] admirara †eu, e os† que virem

<sup>6</sup> exterior grotesco] exterior <desalinhado>

<sup>7</sup> para disfarçar] para <encobrir>

dotou, e que por danosas a quem as possui e alvo a que sempre mira a inveja \*da ignorância, até aqui escondi debaixo da capa da estupidez e da atoleimada chocarrice com que tenho feito rir os meus compatriotas, e gananciei pão e tranquilidade que sem meu disfarce não comera nem gozara. Agora porém que, mercês ao paternal governo que felizmente nos rege, nem há pão que comer quanto mais para dar \*maior tranquilidade nem para os parvos ou que de parvos fazem como eu, pois nada tenho que perder, nem que aventurar com descobrir meus talentos e patentear meu ingenho, resoluto estou a tentar este género de vida que para novos<sup>8</sup> e pobres se inventou, a imprensa. Mas antes<sup>9</sup> que o leitor se espante de me ver assim discorrer e porventura temerários juízos forme de que ou alguém se valeu de meu nome, ou eu da pena d'outrem, começarei sem mais preambular a curiosa história de minha vida e por aí aparecerá claro e simples o que à primeira vista lhe figura mistério ou \*chasco.

Chamava-se meu pai, segundo solene depoimento de minha mãe na hora da sua contrita morte, Pai Francisco Fagundes, homem limpo, de cor preta, caiador de ofício, morador em Lisboa, residente de dia a um canto do Rossio, de noute pelas vizinhanças da Ribeira Velha. Alguns disseram que também de noute variava não só a residência porém o ofício mesmo de meu pai, e que se de dia caiava com pote branco, à noute despejava pote de outra cor. Más-línguas e invejosos que todo o ofício os tem e de que a história imparcial não deve tomar \*partido. Eu a quem negou fortuna de conhecer nem um nem outro de meus honrados progenitores devo dar inteira fé a meu tio o Reverendo Padre Mestre Frei António da Apresentação de quem sei quanto deles conheço e a quem devo segunda vida pela educação e \*ensino que me deu. Mas não anticipemos dados. Lá chegaremos breve.

Sucedeu que estando um dia meu pai na referida esquina do Rossio armado de seu pote e pincel com bom provimento de \*caios e demais petrechos, o chamou um \*lacaíto, dos que naqueles tempos chamavam andarilhos, que fosse à rua de \*\*\* n.º 34 onde precisavam de seu mister. Vouu Pai Francisco ao n.º 34 da rua

<sup>8</sup> para novos e pobres se inventou] para novos e pobres [ricos e pobres?]   
<é o escrever>

<sup>9</sup> imprensa. Mas antes que o leitor] imprensa. <Adiante verá o leitor>

indicada e se achou intrando pelo espaçoso portão de um mais que mediano palacete, onde, recebido por uma rechonchuda matronaça que tinha toda a traça de lavadeira ou esfregadeira de casas, se pôs de caminho à obra designada que era se bem me lembro o caiamento de uma vasta cozinha e longo corredor. Entravam ainda \*trastes para a casa, e o novo inquilino ou proprietário tinha de entrar aquele ou um dos dias seguintes.

Era o senhor meu pai de preta e caiada memória muito inclinado à ternura, e tinha segundo memória \*minha, para os requebros d'amor, aqueles quindins e *incidentes* que para aquém de Lisboa se não aprendem e que d'aquém e d'álém tanto avalia<sup>10</sup> o belo sexo assim como o nosso nele aprecia. E assim por sua natural inclinação como animado por antecedentes *bonnes fortunes*, entrado o temos logo de conversa com a rechonchuda esfregadeira cujas grosseiras mas *substanciais* e sólidas formas tinham já titilado com a ingénita propensão de Pai Francisco. — Longo não foi o assédio da praça ou porque não fosse ela difícil de entrar, ou porque realmente em Pai Francisco houvesse o irresistível feitiço de que o diziam dotado. Mas o caso e verdade são que ao cabo de meia hora dum lado jazia ele com troféu, pincel, escada e pote, do outro nadavam dispersos sobre \*escuma d'água suja, escovas e alguidares, esfregões, bassouras, ... e a ponderosa massa dos enxoavalhados incantos da esfregadeira caíra nos braços d'évano (ou de pau santo) do novo Cipião africano.

Nesta atitude nada equívoca se achava o galante par, quando ao som de algumas vozes (porventura e decerto deles não ouvidas) se abriu a porta da cozinha, e precedido por uma espécie de mordomo entrava ao mesmo tempo um cavalheiro de mediana estatura e idade, ricamente vestido, porém de mal airoso porte, dando o braço a uma dama mais gorda que magra, mais baixa que alta,<sup>11</sup> e mais bonita que feia, custosa e primorosamente ataviada, olhos grandes, mas míopes e \*quase em todo seu ar e ademã ressumbrava não sei que despejo e desgarre que mal se casava com tanto luxo e grandeza; ou antes mui bem lhe ficava pois já grandeza e modéstia se desavieram de andar juntas.

Imagine o leitor, se de imaginar é o caso, os gestos de admiração, de riso, de vergonha, de enleio e de confusão que

<sup>10</sup> tanto avalia] tanto <aprecia>

<sup>11</sup> alta, e mais bonita que feia] alta, ↑e mais bonita que feia↑

nos atores, e espetadores dela<sup>12</sup> tão cómica cena excitou. O mordomo balbuciava imprecações e ameaças, o cavalheiro esfregava a testa e arqueava os sobrolhos, a criadage sorria às furtadelas, a lavadeira \*fregona arranjava os desalinhavados trapos,<sup>13</sup> e a fidalga, como inalterável no meio de tudo isto, observava com sua pendente luneta a meio rosto Pai Francisco que atordoadamente perdido nem acertava a encobrir sua indecente desnudez, antes (e a fidalga sempre observando) se descompunha cada vez mais.

— ‘Com permissão de Vossa Senhoria’ rompeu o mordomo alfim — ‘forte desaforo! — vou castigar estes marotos. Canalha nesta casa! há desacato assim!’

— ‘Deixe estar’ — disse o fidalgo, ‘eu farei presente, e veremos...’

— ‘Senhor’, clamou a desgraçada deitando-se aos pés do cavalheiro, ‘Senhor, tenha Vossa [Senhoria] dó da minha miséria...’

— ‘Pode ser, veremos, subirá por consulta; fale com o oficial do gabinete, eu não sei dessas cousas. Vá, vá com Deus, filha, os negócios amontoam-se, falta-me o tempo: que serviço, que trabalho! Tomara-me eu ver livre disto! Amanhã peço a minha demissão. É aquele intrigante do marquês que me quer perder, que me quer arruinar, que tudo revolve para me tirar a pasta! Nada nenhuma; não tenho mais tempo: José Domingos<sup>14</sup> aqui não se aventura. Adeus Prima... não posso, não posso perder mais tempo...’ E larga o braço da dama, e sai a gritar pela \*sege e pelos criados que o seguem perdidos ainda com riso, e mordendo \*os beiços para não desandar à carcalhada.

A esta última palavra do negociante figurão, a fidalga deu um leve sorriso. E sem desacertar<sup>15</sup> o telescópio disse gravemente ao mordomo:

— ‘Ponha essa mulher na rua, à la porte, à la porte.’

— ‘E essa negra criatura, um bom par de...’<sup>16</sup>

— ‘Une fois pour toutes, faça o que lhe digo, go-on.’

A este arrazoado poliglote não havia que replicar da parte do mordomo. E a sós (ou *tête à tête* como Sua Ex.<sup>a</sup> diria) se achou

<sup>12</sup> espetadores dela] espetadores <de tal cena> ↑dela↑

<sup>13</sup> trapos, e a] trapos, <Pai Francisco> e a

<sup>14</sup> José Domingos] José <Firmino> <Luís>

<sup>15</sup> E sem desacertar] <E voltando-se para os>

<sup>16</sup> par de... [segue-se palavra ilegível, aparentemente cortada]

Pai Francisco Fagundes com a Senhora Viscondessa de \*\*\*, excellentíssima Senhora.

Alguns momentos de silêncio animaram o assustado caiador que se compôs o melhor que pôde com que não vexasse a modéstia excellentíssima.

— ‘*Tros, Tyriusve mihi nullo discrimine agetur.*<sup>17</sup> Não tenhas medo, habitante da adusta Líbia, os olhos do filósofo não distinguem as cores da epiderme. Sossegue que nenhum mal vos será feito. Grande atentado<sup>18</sup> cometestes em verdade ousando no palácio da minha residência abaixar-vos a tal sevandija. Mas pois ignoráveis, como creio, em cuja casa estáveis...’

— ‘Oh sim, minha senhora, eu não sabia...’

— ‘*Basta, enough, suffit. Mais non sia parlato di questo*<sup>19</sup>. Levante-se e siga-me.’

Sua Excelência tomou a porta, e por salas e gabinetes ricamente adereçados foi dar a um elegante *boudoir* onde entrados ambos, fechadas as portas ...

Pai Francisco teve ordem de † visitas e *caiadelas*; por fim foi † não à Caterina da Rússia porque o caso não sucedia em Petersburgo, mas à Caterina do modo possível com substituição de novo ou novos sucessores, a quem outros e outros e os filhos dos filhos desses outros tinham de suceder.

Meses<sup>20</sup> depois Sua Excelência foi passar alguns dias fora da terra, e na quinta de \*\*\* veio à luz<sup>21</sup> com todos os inegáveis e não equívocos sinais da paterna origem o escritor das presentes memórias.

<sup>17</sup> *Tros ... agetur.* [passo da Eneida (c. I, v. 574), que poderá traduzir-se: «Habitantes de Troia ou de Tiro não fazem diferença para mim»]

<sup>18</sup> Grande atentado] Grande <sacrilégio em>

<sup>19</sup> Mais non sia parlato [mistura de italiano e português; corrigiu-se a grafia de parlato]

<sup>20</sup> Meses] <Alguns> Meses

<sup>21</sup> veio à luz com] veio à luz <o escritor destas me>

## ÍNDICE

A edição crítica da obra completa de Almeida Garrett, por OFÉLIA PAIVA MONTEIRO .....	9
Introdução, por OFÉLIA PAIVA MONTEIRO e MARIA HELENA SANTANA .....	15
1. Experimentações narrativas.....	17
2. Os textos .....	23
3. Fontes textuais da edição .....	59
4. Critérios da edição .....	65
TEXTO CRÍTICO	
<i>Memórias de João Coradinho</i> .....	71
<i>Komurahy (História brasileira)</i> .....	113
<i>A Excelente Senhora (Romance histórico)</i> .....	125
<i>Torre do Lavre</i> .....	129
<i>As Três Cidras do Amor (Conto afonsinho)</i> .....	135
<i>O Moinho de Vento</i> .....	153
<i>Duas Irmãs (História deste século)</i> .....	157
<i>A Cruz e o Perjúrio</i> .....	173
<i>Helena</i> .....	189